

Perfil tipológico e as diferentes perspectivas sobre a carreira em Design**Typological profile and the different perspectives about Design carrer**

DOI:10.34117/bjdv6n3-209

Recebimento dos originais: 06/02/2020

Aceitação para publicação: 16/03/2020

Luis Alexandre F. Ogasawara

Mestre em Comunicação e Semiótica: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC
Rua Itambé, 143 - Prédio 9, Higienópolis, São Paulo - SP, Brasil
E-mail: luis.alexandre@mackenzie.br

Teresa Maria Riccetti

Universidade Federal de São Paulo - EPM UNIFESP
Rua Itambé, 143 - Prédio 9, Higienópolis, São Paulo - SP, Brasil
E-mail: teresamaria.riccetti@mackenzie.br

Nara Silvia Marcondes Martins

Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas: Universidade de São Paulo - FAU USP
Rua Itambé, 143 - Prédio 9, Higienópolis, São Paulo - SP, Brasil
E-mail: narasilvia.martins@mackenzie.br

RESUMO

O estudo de natureza qualitativa e exploratória tem como objetivo identificar a percepção dos discentes e jovens egressos do curso Design da UPM quanto ao Design, educação e atuação profissional. A pesquisa foi fundamentada e orientada pelo referencial teórico que auxiliou a demarcação de três pontos de investigação – a complexidade do sistema Design; o desenvolvimento tecnológico e o ensino-aprendizagem – que foram indagados por meio de um questionário semiestruturado viabilizado por plataforma virtual. A tabulação dessa investigação possibilitou categorizar o perfil tipológico da amostra que determinou as diferentes perspectivas de alunos e recém-formados sobre os pontos consultados. Os resultados obtidos, além da discussão estabelecida nos proporciona uma retroalimentação reflexiva sobre o campo do Design, além de subsidiar e orientar futuras estratégias de ensino-aprendizagem no curso de graduação.

Palavras-Chave: Design e ensino, perfil tipológico, perspectivas profissionais.

ABSTRACT

The qualitative and investigative study aims at identifying within UPM Design course students and alumni perceptions on Design, Education, and Professional Performance. The research was based on and oriented by the theoretic referential that helped on delineating three investigation aspects - Design system complexity; teaching and learning; technologic development – which were questioned via a semi-structured questionnaire provided through a virtual platform. Charting the investigation made possible to create a typological profile of the sample which determined different perspectives from the alumni and current students regarding the topics consulted on. The results obtained, as well as the discussion

established, provided a feedback on Design field. Furthermore, it supports and inform future strategies regarding the teaching and learning processes at graduation level.

Keywords: Design and teaching, typological profile, professional perspectives

1 INTRODUÇÃO

Acreditamos que a exposição dos rumos da pesquisa exprime a capacidade crítica de abordagem atualizada e potencializa a elaboração de caminhos pedagógicos consistentes para formação de profissionais no campo do Design. Assim, é nesse sentido que, instigados pelo questionamento gerado pela pesquisa “Design, ponto de vista e perspectivas: sobre a cultura do projeto, educação e atuação profissional”, em 2016, desenvolvida pelo grupo de docentes e discentes do curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), resolvemos continuar o estudo com o intuito de melhor compreender uma parte do fenômeno então observado e especificamente relacionado à amostra do grupo 3 da referida pesquisa, composto por estudantes e recém-formados em Design.

Na época, a pesquisa mencionada tinha como escopo “compreender o *status quo* do design, no contexto da nossa realidade social, econômica e cultural” (RICCETTI; MARTINS; OGASAWARA, 2016). Para tal, como parte do procedimento metodológico adotado, foi aplicado o questionário composto de 12 perguntas a três grupos distintos de agentes: grupo 1 – profissionais brasileiros atuantes no mercado e/ou na docência da área do Design; grupo 2 – personalidades estrangeiras atuantes no campo do Design; e grupo 3 – estudantes brasileiros ou recém-formados do curso de graduação em Design. As 12 questões, agrupadas de três em três, procuravam sondar quatro pontos: Ponto 1 – A complexidade do sistema Design; Ponto 2 – O processo produtivo e o desenvolvimento tecnológico; Ponto 3 – O ensino e o sistema Design; e Ponto 4 – Atuação profissional.

O questionário aplicado ao grupo 3, protagonista deste artigo, foi sintetizado em três questões relativas somente aos pontos 1, 2 e 3 e mostrou-se surpreendente que a pequena amostra de 19 estudantes ou recém-formados apresentou respostas bastante abrangentes e ponderadas, com semelhanças e diferenças significativas entre os dois pontos de vista: o dos que já estavam no mercado de trabalho e o dos que ainda iriam acessá-lo.

Tabela 1 – Questionário aplicado ao grupo 3 – alunos e recém-formados em Design - da pesquisa de Riccetti, Martins e Ogasawara (2016)

| | |
|--|--|
| Ponto 1 | A complexidade do sistema Design |
| Diante dos diversos campos de atuação deste complexo sistema de Design, como você vê o futuro da profissão? | |
| Ponto 2 | O processo produtivo e o desenvolvimento tecnológico |
| Novas tecnologias de produção e <i>softwares</i> de computação gráfica vêm surgindo cada vez mais rápido; de que maneira você acredita que essas ferramentas influenciarão o método projetual? | |
| Ponto 3 | O ensino e o sistema Design |
| Identifique momentos importantes na sua formação e os instrumentos que você usa para atualizar-se na área do Design. | |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

O preâmbulo da questão relativa ao ponto 1 trouxe uma breve reflexão acerca do tema da crescente especialização do Design. Segundo De Fusco (2012, p. 27) “não existe apenas um design, mas tantos quantos são os campos merceológicos”. Em sua pluralidade e multifacetada, o sistema Design não se circunscreve apenas nas tradicionais categorias – industrial, gráfico, produtos e moda. Hoje, agregam-se à orbe desse sistema o Design da informação, estratégico, de espaço, social, entre outros. Cada uma dessas categorias abriga mais uma série de outras subcategorias e, nesse sentido, o Design não parece ter uma trajetória definida, como relatado por Silva et al (2012). Nesse contexto, quando convidados a fazer uma projeção para o futuro da profissão, o grupo dos alunos mostrou-se bastante otimista ao enxergar a pluralidade do Design como maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho. A. C. M. S., aluno do 3º semestre, diz:

Promissor, pois quanto mais áreas de atuação disponíveis para a profissão, mais variedade de cursos e vagas de emprego gerando o reconhecimento da profissão. Contudo, é de extrema importância que a profissão seja reconhecida como algo essencial para o mundo atual. (Entrevista concedida em março de 2016)

Em contrapartida, o grupo de recém-formados, de um modo geral, mostrou-se menos otimista, ou melhor, mais crítico diante do fato apontado. Ao mesmo tempo em que a fragmentação pode aumentar as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, o jovem designer F. P. E. lembra que a não regulamentação da profissão possibilita o ingresso de profissionais não habilitados:

Acredito em um futuro promissor, mas muito complicado para a profissão, vendo o constante aumento na disseminação do profissional tanto no meio comum como no empresarial [...] a não regularização faz com que se tenha muita oferta de profissionais não capacitados. (Entrevista concedida em março de 2016)

A questão referente ao ponto 2 é precedida de uma breve menção ao evidente desenvolvimento tecnológico dos processos produtivos contemporâneos e aos desdobramentos na etapa de projeto. As palavras do designer italiano Andrea Branzi (2012) contribuem para a reflexão:

[...] atualmente a questão da produção industrial não é mais tão relevante, pois existem a autoprodução, as séries limitadas, as peças únicas; a qualidade intelectual de uma obra conta mais do que sua qualidade técnica. Hoje, a demanda que o projeto deve atender é a de que o objeto em questão deve ser suscetível à possibilidade de reprodução. (BRANZI, 2012, p. 38)

Nesse quesito, as respostas tanto dos estudantes quanto dos recém-formados foram bastante semelhantes. Ambos se mostraram entusiastas das possibilidades tecnológicas e apontaram para a rapidez e flexibilidade de processos como suas principais vantagens. Nas palavras de A. H. Y. H. B., que se formou em dezembro de 2015:

Acredito que o método projetual sofrerá influências, pois as ferramentas facilitam a prototipagem, testes, etc., isso pode influenciar positivamente, pois teremos mais chance de testar e prever possíveis complicações nas etapas de criação e desenvolvimento. (Entrevista concedida em março de 2016)

Referente ao ponto 3 – O ensino e o sistema Design –, quando foi solicitado aos entrevistados que elencassem os momentos mais marcantes da graduação, a grata surpresa foi que tanto alunos quanto recém-formados apontaram para uma miríade de exemplos que podem ser divididos em relação a aspectos referentes ao conteúdo dos componentes curriculares (tópicos específicos), processuais (metodologias de projeto), pedagógicos (diferentes didáticas propostas), de pesquisa (iniciação científica e eventos acadêmicos) e relacionais (trocas com professores e outros alunos). Por fim, no que tange aos instrumentos utilizados para atualização de repertório, também não se nota diferença entre os dois grupos de respondentes, havendo prevalência para as plataformas on-line sobre a utilização de livros e revistas impressos.

O potencial prospectivo para questões relacionadas ao ensino do Design percebido

durante a análise dos resultados obtidos nos levou a um desdobramento da pesquisa; uma segunda fase visando ao aprimoramento e à ampliação da amostra do estrato – agora circunscrita aos discentes e egressos do curso de graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UPM –, de modo a dar maior consistência aos dados obtidos na primeira fase do estudo e prosseguimento à investigação do tema. Agrega-se a essa exploração a aspiração de categorizar o perfil tipológico da amostra dos respondentes em relação à perspectiva profissional. Segundo a concepção de Jung (1967, p. 551), “Tipo é uma disposição geral que se observa nos indivíduos, caracterizando-os quanto a interesses, referências e habilidades”.

Portanto o presente estudo teve como objetivos:

- Ampliar, aprofundar, e especializar as reflexões acerca dos pontos 1, 2 e 3, com um maior número de alunos e jovens profissionais do Design.
- Categorizar o perfil tipológico dos discentes e egressos do curso de Design.

Desse modo, será possível identificar os pontos de vista dos discentes e egressos que determinarão o perfil destes e as perspectivas sobre os pontos 1, 2 e 3.

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O referencial teórico que fundamentou e norteou os pontos explorados por este estudo de natureza qualitativa e exploratória baseou-se na revisão bibliográfica de autores como De Fusco (2012), Trabucco (2015), Morace (2013), Margolin (2014) e Branzi, Linke e Rabottini (2012), além dos estudos do Centro Brasil Design e Apex Brasil (2014) e O futuro do Design no Brasil, organizado por Silva et al (2012). Para essa segunda fase, foi agregado a essas fontes o artigo “Imagem social do design: um estudo sobre como designers e não-designers descrevem o design” de Azevedo, Meyer, Scaletsky e Vaccaro (2014), que proporcionou uma melhor discriminação dos aspectos relacionados ao fenômeno da complexidade do sistema Design na contemporaneidade, bem como de seus reflexos nas expectativas geradas nos grupos estudados. A obra de Zacharias (2006) promove uma reflexão sobre teoria dos tipos psicológicos de Carl Gustav Jung, mais especificamente sobre a caracterização dos tipos individuais, ou seja, o olhar tipológico no dia a dia das relações em sala de aula. Segundo o autor, “É didaticamente útil compreender as categorias de comportamento que constituem as variáveis tipológicas.” (ZACHARIAS, 2006, p. 97).

Nessa segunda fase da investigação, três novas questões foram elaboradas, de modo a melhor sondar os três pontos já mencionados, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Novo questionário aplicado ao grupo de alunos e recém-formados do curso de graduação em Design da FAU/UPM

| | |
|--|--|
| Ponto 1 | A complexidade do sistema Design |
| Como você se vê, futuramente, na profissão de <i>designer</i> ? Satisfeito ou insatisfeito? Justifique sua resposta. | |
| Ponto 2 | O processo produtivo e o desenvolvimento tecnológico |
| Na sua opinião, qual o cenário para o futuro do Design? Favorável ou desfavorável? Justifique sua resposta. | |
| Ponto 3 | O ensino e o sistema Design |
| De que maneira você entende que a graduação te aproxima (ou aproximou) da situação profissional almejada? | |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

As duas primeiras questões têm caráter prospectivo e estão subdivididas em partes distintas: a primeira, de natureza fechada, tem o intuito de fazer o entrevistado se posicionar diante do questionado, mesmo sendo admitido que não sabe opinar sobre determinado assunto; a segunda, de natureza aberta, convida o entrevistado a elaborar uma reflexão sobre seu posicionamento. O ordenamento das questões busca promover um encadeamento do raciocínio que vai dar ordem pessoal. Assim, “Como você se vê...?” É uma questão específica, enquanto “Qual o cenário para o futuro do Design...” é generalista. Por fim, a terceira questão, de natureza aberta, busca relacionar aspectos ligados ao curso de graduação com seu futuro na profissão “[...] te aproxima da situação profissional almejada? ”, retornando assim ao ponto da primeira questão.

O questionário, semiestruturado, foi aplicado pela plataforma virtual Google Forms. A amostra do grupo de alunos e recém-formados foi seccionada em três estratos (tabela 3) – alunos do primeiro ano (1ª e 2ª etapas do curso); alunos do último ano (6ª e 7ª etapa); e egressos do curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie entre os anos de 2007 a 2017. Todas as questões tinham caráter obrigatório, estiveram disponíveis entre o meio-dia de 3 de março ao meio-dia de 7 de março de 2018 e tiveram a adesão de 152 respondentes.

Tabela 3 - Distribuição da amostra do grupo de alunos e recém-formados

| Alunos | | | | Designers egressos |
|----------|----------|----------|----------|--------------------|
| 1ª etapa | 2ª etapa | 6ª etapa | 7ª etapa | |
| 16 | 14 | 10 | 15 | 97 |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

3 SÍNTESE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de se obter o perfil tipológico da amostra, as respostas da 1ª e 2ª questões foram tabuladas e agrupadas. As três opções de respostas, da primeira subdivisão, das duas primeiras

perguntas possibilitam um arranjo de nove combinações (tabela 4) e, ao se analisar as diversas respostas obtidas, descartando-se as particularidades das formas de escrever, foi possível identificar um certo padrão que perpassa as categorias de alunos e egressos e estão representadas na tabela a seguir.

Tabela 4 - Combinações e perfis tipológicos identificados

| | Resposta 1.1 <i>(em relação ao seu futuro)</i> | Resposta 2.1 <i>(em relação ao futuro da profissão)</i> | Perfil de Alunos ou Designers Egressos |
|----|--|---|---|
| 01 | Satisfeito | Favorável | Otimista |
| 02 | Satisfeito | Desfavorável | Resiliente |
| 03 | Satisfeito | Não sei | Independente |
| 04 | Insatisfeito | Favorável | Hesitante |
| 05 | Insatisfeito | Desfavorável | Pessimista |
| 06 | Insatisfeito | Não sei | Desiludido |
| 07 | Não sei | Favorável | Esperançoso |
| 08 | Não sei | Desfavorável | Cético |
| 09 | Não sei | Não sei | Distante |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

É importante salientar que, segundo Zacharias (2006), o sistema tipológico pressupõe dinamismo e interação das funções e, portanto, pode-se dizer que nenhum aluno expressa qualquer uma dessas definições na sua totalidade.

O grupo que respondeu “satisfeito” e “favorável” foi categorizado no perfil Otimista (1) por apresentar uma firme convicção de que alcançará o estado almejado em um contexto profissional promissor do Design. Já o grupo que respondeu “satisfeito” e “desfavorável” foi categorizado no perfil Resiliente (2), pois consegue projetar um futuro promissor para si, mesmo em um cenário desfavorável para a profissão. Por fim, o perfil Independente (3) categoriza o grupo que respondeu “satisfeito” e “não sei”, ou seja, projeta uma situação satisfatória para si, porém, não consegue conjecturar a respeito do futuro da profissão como um todo.

O perfil Hesitante (4) é a categoria formada pelos que responderam “insatisfeito” e “favorável”, o que mostra que conseguem projetar um futuro de insatisfação para si, mesmo em um cenário promissor para a profissão. Ao grupo que respondeu “insatisfeito” e “desfavorável”, por razões óbvias, foi categorizado como o perfil Pessimista (5), e o que respondeu “insatisfeito” e “não sabe” foi categorizado no grupo Desiludido (6) por se projetar insatisfeito mesmo em um futuro incerto para a profissão.

O grupo que respondeu “não sei” e “favorável” foi categorizado como Esperançoso (7) por não ser capaz de fazer projeções para o seu futuro profissional, ao mesmo tempo em que projeta um futuro favorável para a profissão. O perfil Cético (8) categoriza aqueles que responderam “não sei” e “desfavorável”, ou seja, o perfil não consegue projetar cenários para si dentro de um futuro que já considera que será desfavorável para a profissão. O último perfil – Distante (9) – categoriza aqueles que responderam “não sei” em ambas perguntas, marcados por um distanciamento em relação à profissão, no âmbito pessoal e da categoria como um todo.

3.1 CATEGORIZAÇÃO DE PERFIS EM RELAÇÃO À PERSPECTIVA PROFISSIONAL

O perfil Otimista é maioria nas duas amostras e representa 39% entre os egressos e 50% entre os estudantes. No primeiro grupo, pode-se constatar que o tempo de formado não é um preditor de otimismo, uma vez que há certa representatividade proporcional em todos os anos da amostra, sendo a mais antiga a de 2009. O relato da designer F. B. F. Z, formada em 2011, é representativo desse perfil:

Atualmente tenho a minha marca própria de Design de joias e acredito que é uma área que tem muitas possibilidades a serem exploradas, tanto em questões de inovação de materiais como em questões de formas, além de ser um produto que não se torna obsoleto. (Entrevista concedida em março de 2018)

No mesmo sentido, no que diz respeito à projeção que esta profissional faz em relação ao futuro da profissão:

Acho que o *designer* tem um papel social fundamental em projetar novos serviços e produtos que possam de uma maneira geral melhorar a vida das pessoas e, por isso, vejo a profissão no cenário atual de uma forma extremamente favorável. (Entrevista concedida em março de 2018)

Entre os estudantes, diferentemente, a predominância de alunos do perfil Otimista está no primeiro ano do curso, que representa 68% da amostra. Entre eles, a maioria relata que não faz estágio na área, ou seja, ainda não foi exposta às barreiras e dificuldades que o mercado de trabalho impõe, o que talvez explique a opinião. A aluna da primeira etapa V. E. S. C ilustra essa condição:

Gosto muito de Design e é algo que me motiva a me interessar e me inteirar mais no mundo. E acho que quando eu entrar no mercado de trabalho vou estar satisfeita por estar fazendo o que eu amo. (Entrevista concedida em março de 2018)

O perfil Resiliente representa apenas 2% entre os egressos e também, coincidentemente, entre os estudantes. Nesse pequeno grupo composto de três indivíduos, as respostas da primeira questão foram inconclusivas por conterem aspectos muito diferentes entre si. Todas as respostas da questão 2 apontam para uma falta de reconhecimento da profissão por parte da sociedade e todas as respostas da questão 3 relatam que a graduação os preparou para atuarem no mercado de trabalho. A combinação do reconhecimento de estar bem capacitado para lidar com as adversidades do mercado de trabalho considerado desfavorável caracteriza este pequeno grupo.

O perfil Independente representa 11,5% do grupo dos egressos e 8% do grupo de alunos. Embora o primeiro grupo tenha declarado “não saber”, pode-se perceber que os entrevistados têm opinião a respeito do tema, porém, esta é caracterizada por ambivalências, o que fica claro no relato de R. B., formada em 2011: “ao mesmo tempo que parece promissor, é extremamente desvalorizado... parece secundário para empresas/pessoas” (Entrevista concedida em março de 2018). O relato de J.C., formada em 2017, também corrobora essa ambivalência: “a profissão tem futuro [...] mas sinto que tem muito que amadurecer no Brasil” (Entrevista concedida em março de 2018).

No perfil Hesitante, a ocorrência é de 5% entre os egressos e de 4% entre os alunos. Nesse grupo, a insatisfação futura parece ser condicionada aos eventos do passado e presente: fatores como baixa remuneração e demissões recentes impactaram negativamente a avaliação dos entrevistados. Entre os estudantes, a dificuldade em conseguir um estágio foi a constante que caracterizou o grupo.

O perfil Pessimista é marcado por aqueles que não conseguem vislumbrar um futuro promissor nem para si, nem para a profissão como um todo. Tal perfil foi identificado somente entre os egressos e corresponde a 4%. A esse respeito, S. C. G. relata, em sua primeira resposta: “Eu me formei em 2004 – a profissão está desgastada e é operacional, não há possibilidade de crescimento na carreira. Trabalha-se muito e paga-se pouco.” (Entrevista concedida em março de 2018). Na segunda resposta, tem-se: “A realidade para a área gráfica pelo menos (Programação Visual) é o que já está acontecendo: sucatização da mão de obra, os micreiros fazem o papel do designer. Basta ter experiência em programas para conseguir o emprego.”

(Entrevista concedida em março de 2018). O *designer* R. B. A. R., formado em 2009, também menciona o aspecto operacional da profissão e elabora ainda mais em sua primeira resposta:

Acredito que a carreira de designer se sustenta por alguns anos após formado, mas ao longo do tempo não oferece grandes perspectivas de crescimento. As ofertas de emprego não são muito atrativas, salvo algumas exceções. Vejo que muitos colegas de faculdade foram para outras áreas, devido à falta de ofertas e valorização do profissional, principalmente na área de Design de produto. Estou há dois anos trabalhando como autônomo e os *jobs* focados em produto não acontecem com muita frequência, por mais que você se esforce e tenha contatos. Acredito que é uma área pouco explorada. Por isso me vejo trabalhando com outra coisa futuramente, pretendo sair da área operacional do Design e ir para o campo estratégico, como, por exemplo, Marketing. (Entrevista concedida em março de 2018)

Em sua segunda resposta, o mesmo entrevistado também toca no assunto da concorrência por outros profissionais menos qualificados:

Acho que falta investimento na área de Design de produto. Trabalhei por seis anos em agência de Design de embalagens e os trabalhos de Design estrutural aconteciam muito esporadicamente; os clientes preferem fazer investimentos mais baixos, como um projeto de identidade visual. Vejo o campo do Design gráfico bastante saturado, com muitos profissionais. Além da formação pela faculdade, existem diversos cursos rápidos que atendem algumas demandas do mercado, então a concorrência fica bastante acirrada. (Entrevista concedida em março de 2018)

O perfil Desiludido representa 6% entre os egressos e não houve ocorrência entre os estudantes. Ambas as respostas apontam para fatores diversos. J. K., formada em 2014, diz: “me causa frustração saber que o Design está prezando mais a rapidez nas entregas [...] o trabalho do designer se torna automatizado” (Entrevista concedida em março de 2018). Além da percepção de falta de qualidade das condições de trabalho, como o tempo, a concorrência com profissionais não formados também contribui para a projeção negativa. C. R. P., formado em 2012, relata:

Vejo que têm surgido muitas plataformas *do it yourself* para o ramo de *web design* e desenvolvimento de identidade visual. Além disso, o mercado está cada vez mais contaminado por *freelas* das mais variadas partes, inclusive não formados em Design. (Entrevista concedida em março de 2018)

O perfil Esperançoso é o segundo maior nos dois grupos e representa 19,5% entre os egressos e 22% entre os estudantes. Uma constante identificada nesse perfil é o sentimento de

pouca realização no presente ou por não estar estagiando/trabalhando ou por estar atuando em áreas distantes das quais gostaria; porém, acredita em uma maior valorização futura da profissão e, inclusive, sinaliza a intenção de continuar os estudos para se especializar para o mercado de trabalho.

O perfil Cético representa 7% entre os egressos e 4% entre os estudantes. Esse perfil não consegue fazer projeções para o seu futuro profissional e considera que o futuro da profissão será desfavorável pelos mesmos motivos apontados nos grupos dos Resilientes e Pessimistas: concorrência com profissionais não designers, baixos salários, falta de valorização por parte dos empresários, entre outros.

O perfil Distante representa 6% entre os egressos e também entre os estudantes. Nesse segmento, diferentemente dos identificados anteriormente, percebe-se uma maior diferença entre as respostas dos egressos e estudantes. No primeiro grupo (egressos), a resposta “não sei” está vinculada a um distanciamento da profissão: há profissionais atuando como coach e até mesmo cursando o último ano de Medicina Veterinária. Já entre os alunos, o tipo de resposta do perfil Distante foi mais frequente entre os alunos do primeiro ano.

Tabela 5 – Porcentagem da incidência dos perfis tipológicos identificados

| Perfil de Perspectiva Profissional | | | | | |
|---|------------|--------------------|------------|---------------------|-----------|
| OTIMISTA | | RESILIENTE | | INDEPENDENTE | |
| Egressos | Alunos | Egressos | Alunos | Egressos | Alunos |
| 39% | 50% | 2% | 2% | 11,5% | 8% |
| HESITANTE | | PESSIMISTA | | DESILUDIDO | |
| Egressos | Alunos | Egressos | Alunos | Egressos | Alunos |
| 5% | 4% | 4% | 0% | 6% | 0% |
| DISTANTE | | ESPERANÇOSO | | CÉTICO | |
| Egressos | Alunos | Egressos | Alunos | Egressos | Alunos |
| 6% | 6% | 19,5% | 22% | 7% | 4% |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

A categorização desses nove perfis ajuda a identificar pontos de vista em comum que determinam diferentes perspectivas sobre os três pontos sondados.

3.2 DESIGN, PONTO DE VISTA E PERSPECTIVAS: SOBRE A CULTURA DO PROJETO, EDUCAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Para além das esperadas diferenças de perspectivas entre os dois grupos (estudantes e jovens egressos), a pesquisa atual aponta para outros fatores a serem considerados relacionados aos pontos a seguir:

3.2.1 Síntese do ponto 1 - A atual complexidade do sistema Design

Tabela 6 - Comparativo entre as respostas dos estudantes e egressos

| | ESTUDANTES (55 indivíduos) | EGRESSOS (97 indivíduos) |
|----------------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| INSATISFEITOS | 3,9% (2 indivíduos) | 15,3% (15 indivíduos) |
| NÃO SABEM | 33,3% (19 indivíduos) | 31,6% (30 indivíduos) |
| SATISFEITOS | 62,8% (34 indivíduos) | 53,1% (52 indivíduos) |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

As duas últimas colunas mostram a proporcionalidade entre as perspectivas dos dois grupos em relação à complexidade do sistema Design; inclusive, entre o grupo dos indecisos, pode-se considerar que houve praticamente um empate percentual. Ao serem questionados a pensar em seus futuros como *designers* e justificarem suas respostas, aspectos relacionados aos diversos campos de atuação (pesquisado na primeira sondagem, de 2015) apareceram novamente, mencionados direta ou indiretamente nas respostas (12% entre os egressos e 18% entre os estudantes). Porém, agora, são acompanhados de outros que compõem a complexidade do sistema Design: transdisciplinaridade (4% somente entre os egressos), engajamento social (2% somente entre os egressos), necessidade de continuidade nos estudos (11% entre os egressos e 4% entre os estudantes), empreendedorismo (7% somente entre os egressos), regulamentação profissional (3% somente entre os egressos), remuneração e carreira (15% entre os egressos e 6% entre os estudantes).

Isso posto, pode-se inferir que, do ponto de vista dos estudantes e dos novos *designers*, a especialização dos campos de atuação não é vista como uma ameaça, tampouco os outros tópicos que emergiram espontaneamente, uma vez que a maior parte dos entrevistados diz se ver, futuramente, satisfeita na profissão.

3.2.2 Síntese do ponto 2 – O processo produtivo e o desenvolvimento tecnológico

Tabela 7 – Comparativo entre as respostas dos estudantes e egressos

| | ESTUDANTES (55 indivíduos) | EGRESSOS (97 indivíduos) |
|--------------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| DESAVORÁVEL | 5,9% (3 indivíduos) | 14,3% (14 indivíduos) |
| NÃO SABE | 15,7% (9 indivíduos) | 23,5% (23 indivíduos) |
| FAVORÁVEL | 78,4% (43 indivíduos) | 62,2% (60 indivíduos) |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Nesse caso, pode se perceber um grande otimismo em relação ao futuro da profissão em ambos os grupos de entrevistados e, confirmando a tendência verificada anteriormente, com uma maior proporção entre os estudantes. Porém, aspectos relacionados aos processos produtivos e avanços tecnológicos pesquisado na primeira sondagem, de 2015, dessa vez, apareceram em poucas respostas (5% e somente entre os egressos). Em relação ao ponto 2

surgiram, além da repetição dos fatores apontados no ponto anterior, questões de ordem mais contextual, como política e economia brasileiras (4% entre os egressos), entendimento do Design por parte dos setores produtivos da sociedade (12% entre os egressos e 6% entre os estudantes) e estratégias de promoção da atividade profissional (5% e somente entre os egressos).

Parece que as novas tecnologias já estão incorporadas no dia a dia do universo entrevistado por não aparecem nem como ameaça, nem como oportunidade. Por outro lado, questões relativas à percepção de valor da profissão pela sociedade são mais prementes para os entrevistados.

3.3.3 Síntese do ponto 3 – a questão do ensino e dinamismo do sistema Design

Em relação ao ponto 3, as respostas obtidas nessa sondagem também foram mais abrangentes do que as obtidas em 2015. A quase totalidade dos entrevistados (98% entre os egressos e 96% entre os estudantes) relatou que a graduação os aproximará da situação profissional almejada. Para além da necessidade de atualização, há questões como conteúdos; técnicas e ferramentas; visão de mundo; estrutura e prestígio da universidade; e networking.

As únicas menções aos aspectos negativos dizem respeito ao antigo projeto político pedagógico do curso que foi considerado como antiquado frente à complexidade dos desafios encontrados no mercado de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados nesta pesquisa ampliaram e aprofundaram a compreensão acerca dos três pontos investigados e os perfis tipológicos identificados subsidiam reflexões que orientam eventuais redirecionamentos em táticas de ensino-aprendizagem no curso de graduação.

Além disso, novas leituras podem ser feitas ao se estabelecer novas categorias de análise que ensejem outras relações entre as respostas, haja vista que o material coletado extrapola, em muito, o escopo pretendido por este estudo e aponta para muitas possibilidades de investigações futuras.

Por fim, a produção de conhecimento atualmente envolve produção de subjetividade e, nesse sentido, a síntese das respostas e a discussão instituída proporciona uma retroalimentação reflexiva sobre o campo do Design

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Débora; MEYER, Guilherme Corrêa; SCALETISKY, Celso Carnos; VACCARO, Guilherme. **Imagem social do Design**: um estudo sobre como designers e não designers descrevem o Design. In: CONGRESSO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11., Gramado. Anais... Gramado: Blucher Design Proceedings, 30 set.-2 out. 2014.

BRANZI, Andrea. **Introduzione al design italiano**: uma modernita incompleta. Milano: Baldini&Castoldi, 1999.

BRANZI, Andrea; LINKE, Armin; RABOTTINI. **Gli strumenti non esistono**: la dimensione antropologica del disign. Milano: Johan&Levi Editore, 2012.

CENTRO BRASIL DESIGN; APEX BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Industria e Comercio Exterior. **Diagnóstico do Design brasileiro**. Brasília, DF, 2014. 225 p. Disponível em: http://www.cbd.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Diagnostico_Design_Brasileiro_Web.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

DE FUSCO, Renato. **Design 2029**: ipotesi per il prossimo futuro. Milano: Franco Angeli, 2012.

FREIRE, Karine de M. **Design estratégico para a inovação cultural e social**. São Paulo: Kazuá, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. São Paulo: Zahar, 1967.

MARGOLIN, Victor. **Design e risco de mudança**. Matosinhos: Verso da História, 2014.

MORACE, Francesco. **O que é o futuro?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

RICCETTI, Teresa Maria; MARTINS, Nara Silvia Marcondes; OGASAWARA, Luís Alexandre F. **Design, ponto de vista e perspectivas**: sobre a cultura do projeto, educação e atuação profissional. 2016. 179 f. Relatório Técnico Científico (Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

SILVA, João Carlos Riccó Plácido et al. **O futuro do design no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TRABUCCO, Francesco. **Design**. Torino: Bollati Boringhieri, 2015.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Tipos**: a diversidade humana. São Paulo: Vetor, 2006.